



Vol. 4 - Nº 7 - Jan./jun. 2009

p. 191-201

PAULO FREIRE E O EXÍLIO NO CHILE: UMA CONTRIBUIÇÃO RECÍPROCA PARA UMA VISÃO DE MUNDO

Marco Antonio Batista Carvalho¹ - UFBA

Resumo: Paulo Reglus Neves Freire, um nome que segundo o próprio “Paulo Freire” nunca pegou, foi construído ao longo de muitos anos dedicados a pensar e a fazer educação. A proposta deste trabalho consiste em apresentar este educador que é, antes de ser um brasileiro, um cidadão do mundo, mundo este por onde “andareilhou” e dele foi extraído os saberes pertinentes à vivência dos homens. Como recorte temporal, a presente pesquisa trata de apresentar o período de exílio no Chile compreendido entre os anos de 1964 a 1969, onde o educador produziu de forma significativa obras que foram consagradas mundialmente no campo da educação, em meio a um País que lhe acolheu e abrigou também outros pensadores que também contribuíram para a lapidação deste intelectual sem fronteiras. Destaca-se neste estudo sua militância junto a movimentos organizados e, principalmente, seu envolvimento com trabalhadores das áreas rurais do Chile que se tornaram relevantes e decisivos para a produção de sua obra máxima que foi, naquele momento, a escrita da *Pedagogia do Oprimido*.

Palavras-chave: Paulo Freire; Educação; Exílio; Movimentos sociais.

PAULO FREIRE AND THE EXILE IN CHILE: A MUTUAL CONTRIBUTION TO A VISION OF WORLD

Abstract: Paulo Reglus Neves Freire, a name that never diffused according to own “Paulo Freire”, was built along many years dedicated to think and to do education. As time line, this research is to present the period of exile in Chile between the years 1964 to 1969, where the teacher produced a significant works that have focused worldwide in education, in the midst of a country that welcomed and also housed other thinkers who have also contributed to the stoning of that intellectual without borders. Stands out in this study his activism in organized movements, and especially his involvement with workers in rural areas of Chile that have become important and decisive for the production of his magnum opus which was, at that moment, the writing of *Pedagogy of the Oppressed*.

Keywords: Paulo Freire; Education; Exile; Social movements.

A proposta de descrever parte da existência de Paulo Reglus Neves Freire é, por si mesma, tarefa muito difícil, posto que agregam-se ao seu legado 43 títulos de doutor *honoris causa*, destes, 38 recebidos em vida e os demais recebidos por sua viúva, Ana Maria Araújo Freire em diversos países. Escreveu dezenas de obras que foram traduzidas em diversos idiomas, possui também seis prêmios internaci-

onais e inúmeras cátedras que lhe foram dedicadas. Logo, mesmo que a proposta seja de um recorte temporal de momentos que foram determinantes para o início de sua obra escrita, este texto se limita a referências bibliográficas do autor entre os anos de 1964 até 1969, quando de seu exílio no Chile. Há ainda, neste texto, a inferência de outros pesquisadores de sua obra.

O motivo que levou Paulo Freire para o exílio no Chile é pano de fundo do cenário político-econômico do Brasil no início da década de 1960 e que já se alastrava nos governos de cunho populista desde a década de 1930, quando o País começava a sofrer forte pressão do capitalismo internacional para adotar uma política econômica de expansão industrial. Adotar uma política social que desse conta de manter e com a expectativa futura de ampliar o mais rápido possível este modelo econômico, era condição imperativa para que o Brasil avançasse em sua economia, porém, como afirma Severino (1986):

Esta política de massas foi sendo tolerada até que sua radicalização começou a criar obstáculos mais diretos ao controle, pelo capital internacional, do desenvolvimento da economia brasileira. Esse foi o real motivo da derrubada do Governo Goulart em 1964, pelo empresariado nacional associado ao capital internacional, que se utilizou dos militares e de outros segmentos médios da sociedade, insuflados pela pregação anticomunista (p. 89).

Esta pregação anticomunista fez parte de um pacote de ações orientadas pela nova ideologia educacional que atacou violentamente a base cultural brasileira e a substituiu por uma concepção instrumentalista de educação que foi organizada, como afirma Martins (apud, SEVERINO, 1986, p. 91) “intencionalmente em função do crescimento econômico”. Assim, este Estado autoritário e intervencionista organizou-se de forma a incrementar diferentes mecanismos de repressão que atingiram, entre outros, aqueles que estavam envolvidos com uma proposta educativa que veiculasse qualquer orientação ideológica diferente à população trabalhadora.

Justamente neste cenário, Paulo Freire desenvolvia uma experiência inovadora no contexto educacional brasileiro. Esta experiência nasceu no Movimento de Cultura Popular-MCP, criado em Recife-PE, no início dos anos 1960, era um movimento de intelectuais e de artistas e, dentro do MCP, Paulo Freire passou a coordenar os projetos que se chamavam “Círculos de Cultura” e “Centros de Cultura”.

Estes projetos que se somam com outros oriundos do Movimento de Educação de Base-MEB, são alvos diretos da ação repressora do novo regime ditatorial, pois representavam a ideologia de esquerda preocupada com a formação cultural da classe trabalhadora e são combatidas a qualquer preço sob a justificativa de se constituírem em um ensino subversivo.

Sua concepção de educação e, logicamente, sua proposta educacional que havia mostrado resultado altamente positivo na experiência em Angicos-RN, consistia em afirmar que todo ato educativo é um ato político, assim sendo, a educação contém a potencialidade da transformação da sociedade por intermédio de uma

consciência crítica da realidade, tarefa que tanto o educador como o educando devem assumir no ato educativo.

Com estes pressupostos de educação, passou a ser conhecido como “educador popular progressista”, e sua proposta educacional chegou à esfera federal por meio do convite do Ministro da Educação Paulo de Tarso Santos que, tão logo ao assumir o Ministério, convocou Paulo Freire para elaborar um projeto nacional de alfabetização.

Assim, nascia o Programa Nacional de Alfabetização que tinha Paulo Freire como coordenador de um projeto auspicioso, pois acenava para uma alfabetização politizadora de cerca de 5 milhões de adultos.

Esta educação politizadora, também chamada de problematizadora, proposta por Paulo Freire, não poderia ser vinculada à nova ideologia que o Estado intervencionista adotara para manter a hegemonia política-econômica. Assim, em 14 de abril, duas semanas após o golpe de Estado que depôs o presidente João Goulart, o programa foi extinto e em 16 de julho de 1964, aliás, dia do aniversário de sua primeira esposa Elza Maia Costa de Oliveira (falecida em 1986), Paulo Freire foi preso. Sobre esta marcante experiência ele fez o seguinte relato:

Era manhã cedo, quando chegaram dois policiais, se identificaram e disseram que deveria acompanhá-los. Me vesti, tomei um cafézinho, me despedi da Elza e fui. Passamos rapidamente pela Secretaria de Segurança Pública, pela Polícia, e da lá me levaram para o quartel. [...] não levei nada. Fui com a roupa do corpo. Aquela era a minha primeira prisão (1987a, p. 42).

Suas cadeias² foram, como ele relata em diversas de suas obras, “momentos de intenso aprendizado”, compartilhado ora com seus parceiros de cárcere, ora com seus algozes em diferentes contextos, ora também somente com suas idéias quando dos momentos na solitária (cela especial para acomodar somente um preso). Destas experiências, em particular, ele comenta:

Passei 75 dias na cadeia. Lá, tive diferentes experiências, relativas aos tipos de cela e aos tipos de relacionamento humano com as pessoas na prisão e com as pessoas que nos *puseram* na prisão, muitas coisas (PAULO FREIRE & IRA SHOR, 1986, p. 77, grifos no original).

Ao ser libertado e de volta ao convívio da esposa e de seus cinco filhos, Paulo Freire fora incentivado a deixar o Brasil. Este relato revela que esta não era sua intencionalidade pois, afirma que

[...] nesse momento recusava a idéia de deixar o país. A Elza, muito mais realisticamente, já achava que eu devia sair do Brasil. Depois é que eu descobri que não havia condições de ficar mesmo. Quando cheguei ao Rio, vários amigos me sugeriram que saísse, e foi no mesmo dia que me decidi e pedi asilo na embaixada da Bolívia (1987a, p. 68).

Seu exílio teve início na Bolívia onde permaneceu por pouco tempo até desembarcar no Chile. Sobre o porquê do exílio não iniciar logo no Chile há um de seus relatos que revelam também sua postura humorada mesmo quando do enfrentamento da adversidade, afinal, fora para o exílio sozinho e pela primeira vez em 20 anos passaria um aniversário de casamento longe da esposa e do convívio dos filhos.

Haroldo Carneiro Leão, um grande amigo a quem lamentavelmente nunca mais vi, fez algumas gestões junto ao embaixador do Chile, do governo imediatamente anterior ao de Eduardo Frei. Mas o embaixador disse que não estavam dando asilo porque não estava havendo fuzilamento. Eu até disse depois, quando cheguei no Chile e contei isso: “Mas o embaixador pensava que eu porventura estaria pretendendo asilo para o meu cadáver?” (Idem, p. 68-9).

Tão logo chegou ao Chile, Paulo Freire já se engajou em um trabalho que o colocava a frente de novas lutas pela educação popular, porém, agora estas lutas seriam travadas em outro território. Sobre seu primeiro trabalho em solo chileno ele assim o relata:

Se bem me lembro, chegamos em Arica numa sexta-feira, e na segunda fui levado por Tiago de Mello e pelo Strauss ao gabinete de Jacques Chonchol, do Instituto de Dessarrollo Agropecuario. Apesar de minha dificuldade em entender o castelhano do Jacques, tivemos um papo muito cordial, e saí do seu gabinete contratado como assessor dele, para o que eles chamavam lá de Promoción Humana. [...] No fundo, o que comecei a fazer era um trabalho de educação popular, que tanto podia se dar ao nível da pós-alfabetização como da alfabetização também (Idem, p. 81).

É importante descrever o contexto político-social do Chile no momento em que Paulo Freire lá chegou, pois este também se mostra como fator determinante de sua postura frente à educação e dos movimentos populares. Sobre este cenário ele comenta:

É bom lembrar que quando cheguei ao Chile havia uma verdadeira euforia com a subida da democracia cristã ao poder; havia uma verdadeira convicção em grande parte das gentes em torno do êxito do que era considerado a terceira via para toda a América Latina. Enfim, foi tudo isso que levou a juventude democrata cristã a ir renunciando ao discurso democrata cristão e a se radicalizar, ora para o partido socialista, marxista, ora para o partido comunista. Ou criando novos grupos revolucionários (Idem, p. 85).

Dentre estes novos grupos, destaques para o Movimento Independente Revolucionário-MIR que era composto, como ele afirma, de uma juventude que sempre estava à esquerda de qualquer coisa, mas sempre com lucidez. Havia também

o Movimento de Ação Popular Unitária-MAPU e a Esquerda Cristã, ambos compostos por dissidentes da democracia cristã.

Comentando sobre como a influência de suas idéias, em meio ao novo governo de democracia cristã que se estabelecia no Chile, foi chegando aos grupos que se mostravam cada vez mais radicais por perceberem que na democracia cristã havia traços significativos de uma burguesia modernista, Paulo Freire afirma que esta radicalização que se desencadeou no país proveniente principalmente da ala jovem da democracia cristã, com quem trabalhava diretamente, não se deu por sua influência, mas que “todos estes grupos que se formaram nesse período de alguma forma aproveitaram, cada um a sua maneira, algumas das minhas propostas” (Idem, p. 86).

Na tentativa de demonstrar como, de alguma forma, suas propostas chegaram a estes grupos revolucionários, destaco o relato que Paulo Freire faz de uma experiência realizada em um local chamado *Población Nueva Habana* cujo controle das ações sociais estava a cargo do MIR. Ele assim o descreve:

Eu me lembro de uma noite inteira que passei numa *poblacion*, como eles chamavam, *Población Nueva Habana*, que resultara de uma grande área da periferia de Santiago por uma quantidade enorme de famílias. [...] Fui recebido sem problemas, como companheiro. Ajudado pelo MIR, política e pedagogicamente, aplicavam o método e queriam conversar comigo (Idem, p. 86).

Sobre a reciprocidade da aprendizagem entre Paulo Freire e os movimentos revolucionários pode-se destacar que houve um aprendizado tanto no que diz respeito à disposição para a militância destes grupos organizados como também sua capacidade de articulação com os anseios da massa trabalhadora.

Comentando sobre esta capacidade de mobilização do MIR, Paulo Freire destaca que havia um intenso trabalho organizacional de cunho pedagógico-político e que este materializava-se em diversos projetos educativos que atendiam às áreas populares, como o aproveitamento de velhas carrocerias de ônibus doados pelo governo e que foram transformados em locais para aprendizagem. Nas palavras de Paulo Freire “os ônibus-escolas se enchem de alfabetizando que aprendiam a ler a palavra através da leitura do mundo” (1992, p. 39).

Em meio a este engendramento de forças de esquerda que se articulavam contra a direita estabelecida no Chile é que Paulo Freire compreende melhor o cenário marcado pelas lutas que se travaram no Brasil e lhe impuseram o exílio. Para expressar como esta vivência no exílio lhe serviram de pano de fundo para visualizar o que seria uma “verdadeira posição progressista”, vejamos como ele admite este aprendizado:

Os quatro anos e meio que vivi no Chile foram assim anos de um profundo aprendizado. Era a primeira vez, com exceção da rápida passagem pela Bolívia, que eu vivia a experiência de “tomar distância” geograficamente, com consequê-

ências epistemológicas, do Brasil. [...] No fundo, eu procurava re-entender as tramas, os fatos, os feitos em que me envolvera. A realidade chilena me ajudava, na sua diferença com a nossa, a compreender melhor as minhas experiências e estas, re-vistas, me ajudavam a compreender o que ocorria e poderia ocorrer no Chile (Idem, p. 43-44).

Este aprendizado, esta compreensão de mundo que foi se “aprendendo” no Chile e que tinha como contraponto nossa realidade brasileira, foram gestando uma de suas obras de maior destaque que foi a *Pedagogia do Oprimido*, que é fruto destas reflexões, deste re-pensar o Brasil vivenciando as lutas estabelecidas em solo chileno, que literalmente conheceu muito bem. Quanto a este “aprender”, fruto de suas “andarilhagens”, Paulo Freire fez o importante destaque:

Percorri grande parte do país em viagens em que aprendi realmente muito. Aprendi fazendo parte, ao lado de educadores e educadoras chilenas, de cursos de formação para quem, nas bases, nos assentamentos da reforma agrária, trabalharia com camponeses e camponesas, a questão fundamental da leitura da palavra, sempre precedida pela leitura de mundo (Idem, p. 44).

A imersão na cultura chilena evidentemente não se resumia somente ao conhecimento geográfico do País, mas incluía sua preocupação em captar melhor e cada vez mais aguçadamente as diferenças culturais, que naquele momento histórico não se limitavam somente a sua percepção, uma vez que outros intelectuais também migraram para o território Chileno buscando refúgio político. Dentre estes que se exilaram estavam cubanos, mexicanos, bolivianos, argentinos, venezuelanos, paraguaios e europeus, que tornaram Santiago, à época, como Paulo Freire afirma, o melhor centro de “ensino” e de conhecimento sobre a América Latina daquele período.

O somatório desta vivência e sua contribuição na formulação da trama que se expressa em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, pode ser novamente observado quando afirma que:

O respeito às diferenças culturais, o respeito ao contexto a que se chega, a crítica à “invasão cultural”, à sectarização e a defesa da radicalidade de que falo na *Pedagogia do oprimido*, tudo isso é algo que, tendo começado a ser experimentado anos antes no Brasil e cujo saber trouxera comigo para o exílio, na memória do meu próprio corpo, foi intensamente, rigorosamente vivido por mim nos meus anos de Chile (Idem, p. 44, grifos no original).

Conhecedor da trajetória deste educador e da importância de sua experiência de exílio no Chile, Moacir Gadotti assevera sobre o engajamento de Paulo Freire nos projetos de alcance social e em que medida este envolvimento contribuiu para o refinamento de seus pressupostos educativos:

O momento histórico que Paulo Freire viveu no Chile foi fundamental para explicar a consolidação da sua obra, iniciada no Brasil. Essa experiência foi fundamental para a formação do seu pensamento político-pedagógico. No Chile, ele encontrou um espaço político, social e educativo muito dinâmico, rico e desafiante, permitindo-lhe reestudar seu método em outro contexto, avaliá-lo na prática e sistematizá-lo teoricamente (1996, p. 72).

Em seu trabalho no *Instituto de Desarrollo Agropecuario*, Paulo Freire registrou como fora importante o envolvimento com todos a sua volta, destacou a importância das trocas que se desenvolveram entre ele e a equipe de trabalho, mas ressaltou também que as experiências que tivera na educação de adultos no nordeste brasileiro também foram com eles compartilhada. Foi contundente a este respeito ao afirmar:

O que de início considerei fundamental foi que aprendesse um mínimo de realidade do país. Nesse primeiro momento, então, discutia quase diariamente com os educadores chilenos que participavam dos diferentes departamentos do Instituto; discutíamos a questão da “promoção humana” como eles chamavam. O que para mim era um trabalho de educação popular. Fazíamos seminários constantes em torno disso. Além disso, falava a eles da prática que tinha tido no Brasil (1987a, p. 82).

Para um registro mais acentuado de como as experiências vividas aqui no Brasil com a alfabetização de adultos foram levadas por Paulo Freire para a cultura chilena, destaco um de seus relatos que envolve a utilização dos mesmos recursos didáticos empregados nos círculos de cultura no Brasil. Assim ele relatou:

Quando chegou o momento de fazer as primeiras experiências com alfabetização, propus a um grupo de educadores chilenos que aplicássemos, a título de pesquisa, em certas áreas rurais, os *slides* que usara no Brasil, em que se discutiam cultura, natureza, trabalho, etc. Enfim, toda aquela parte introdutória de que tenho falado em meus livros. [...] Fomos então a uma primeira área camponesa com os *slides*. Era apresentado pelo educador chileno como um brasileiro que, no momento, estava exilado no Chile, morando em Santiago e trabalhando com eles. Depois o educador dizia que eu trouxera uns *slides* do Brasil, portanto, de outra realidade, mas que de qualquer forma gostaríamos de saber o que eles achavam (Idem, p. 83).

Na seqüência da descrição desta experiência fecunda, pode-se afirmar que o período do exílio no Chile não contribuiu somente para um aprimoramento de suas formulações que poderiam ter ficado somente no campo teórico, algumas delas de fato se materializaram lá mesmo, no exílio, não somente pelo seu envolvimento crescente com os movimentos populares e seu trabalho específico com a proposta de alfabetização, mas com a sua escrita, que se tornou produtiva e, de lá, lhe projetaria para o mundo.

A obra *Pedagogia do Oprimido* que estava se gestando quando de seu primeiro contato com a realidade chilena foi concluída enquanto ele ainda estava exilado, mas antes de publicá-la, foi lá no exílio que Paulo Freire escreveu outras obras, com destaque para o seu primeiro livro, intitulado *Educação como prática da liberdade*. Esta obra foi fruto da tese elaborada para o concurso em uma cátedra na Universidade de Pernambuco. Foi também no Chile que Paulo Freire reviu os escritos originais da tese que havia ficado no Brasil quando de sua imediata partida. Após a revisão que fez de todo o texto, aproveitou a companhia de outros intelectuais que ali estavam para lhe imprimir um parecer crítico, com destaque para Álvaro Vieira Pinto e Francisco Welffort, este último, inclusive, é quem elabora a introdução desta obra.

Aquele foi um período de intensa produtividade, pois além de assessorar diversas ações e projetos no Chile, concentrou-se na escrita, como ele mesmo destacou: “como escrevi nesse período! Cheguei até a contar, escrevi 1600 páginas em um ano e meio, manuscritas” (Idem, 94).

Publicou também outra obra, *Ação cultural para a liberdade* que é fruto de experiências somadas em outro trabalho de assessoria que desenvolveu no Chile, desta vez na *Corporación de la Reforma Agraria-CORA*. Seu registro foi assim descrito:

Para todo encontro a que ia, escrevia um texto. Por exemplo, durante o tempo em que trabalhei no ICIRA, dei assessoria técnica às equipes que trabalhavam na Corporación de la Reforma Agraria (CORA). Foi quando escrevi todos os textos que estão no Ação cultural para a liberdade. Enfim, quase todos os meus textos foram tão vivenciados que, de vez em quando, me ponho a pegar um ou outro e, folhando aqui e ali, faço uma espécie de viagem ao ontem, entende? Revivo todos os momentos (Idem, p. 96).

De fato, estas expressões revelam como Paulo Freire ficou “encharcado” por toda a influência cultural recebida e trocada na experiência do exílio. Daí, para a elaboração de sua obra de maior vulto, a *Pedagogia do Oprimido*, não levou muito pois “eu comecei, e depois tomei um certo gosto pela escrita. Foi a partir daí que escrevi e emendei a *Pedagogia do Oprimido*” (Idem, p. 96).

Nos últimos dois anos de exílio, Paulo Freire atuou no *Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria* e aponta este período como um dos mais produtivos momentos de sua experiência no exílio, pois já havia adquirido amplos saberes da realidade local que a experiência nos outros empreendimentos em que se envolveu lhe proporcionaram. Destacou como contribuidores destes saberes adquiridos a participação ativa em discussões e debates com Marcela Gajardo, chilena que, após o período do exílio, nos anos de 1992, atuava como pesquisadora e professora da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, e com o brasileiro, sociólogo e professor José Luiz Fiori. Sobre estes, Paulo Freire se prestou ao elogio público quando disse que “com eles debati vários momentos da *Pedagogia do Oprimido*”.

mido ainda em processo de redação. Não tenho por que negar o bem que a amizade de ambos me fez e a contribuição que a inteligência arguta deles me trouxe” (1992, p. 53).

Há ainda muitos outros nomes a serem citados pela colaboração direta que tiveram ao inserirem-se na proposta dialógica de Paulo Freire, pois estes certamente comungaram de seu pressuposto de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (1987b, p. 68). Para alguns, entre outros tantos de convívio ele agradeceu:

Agora, tantos anos depois e cada vez mais convencido do quanto devemos lutar para que nunca mais, em nome da liberdade, da democracia, da ética, do respeito à coisa pública, vivamos de novo a negação da liberdade, o ultraje à democracia, a enganação e a desconsideração da coisa pública, [...] gostaria de referir os nomes de todos quantos me animaram com sua palavra, expressando-lhes o meu muito obrigado: Marcela Gajardo, Jacques Chonchol, Jorge Mellado, Juan Carlos Sampaio, Raúl Velozo, Pell, chilenos. Paulo de Tarso, Plínio Sampaio, Almino Affonso, Maria Edy, Flávio Toledo, Wilson Cantoni, Ernani Fiori, João Zacariotti, José Luiz Fiori, Antonio Romanelli, brasileiros (1992, p. 62).

Na tentativa de referendar, ainda mais uma vez, como o conjunto das vivências no período de seu exílio, foram determinantes para a sua projeção como um dos mais importantes intelectuais que a América Latina produziu para pensar, discutir e propor ações educativas que perpassam o puro e simples pensar a educação por ela mesma, mas implica localizá-la, situá-la no contexto em que se engendra com os homens e com as lutas que os homens travam em seu momento histórico. Destaco ainda o que pode ser uma, entre muitas outras sínteses destes saberes adquiridos que forjaram este educador durante o período de exílio no Chile. Vejamos como ele descreveu esta experiência:

No fundo, em última análise, minha passagem pelo Instituto de Desarrollo Agropecuario, pelo Ministerio de Educación, pela Corporación de la Reforma Agraria, meu convívio com suas equipes técnicas, através de quem me foi possível ter rica experiência em quase todo o país, com um sem-número de comunidades camponesas, de entrevistar seus líderes; a própria oportunidade de ter vivido a atmosfera histórica da época, tudo isso me explicava dúvidas que trouxera para o exílio, aprofundava hipóteses, me assegurava posições. Foi vivendo a intensidade da experiência da sociedade chilena, da minha experiência naquela experiência, que me fazia re-pensar sempre a experiência brasileira, cuja memória viva trouxe-ra comigo para o exílio, que escrevi a Pedagogia do oprimido entre 1967 e 1968 (ibidem, p. 53).

Assim, após um período de atividade tão intensa, compartilhada entre outros homens que juntos se faziam sujeitos no mundo e com o mundo, Paulo Freire escreveu sobre a saudade deste tempo.

Em casa, em Santiago, não foram raras as vezes em que tal forma envolvido pelo trabalho, gratificado por ele, eu me surpreendia com o sol iluminando o pequeno quarto que transformara em biblioteca, na rua Alcides de Gasperi, 500, Apoquito, Santiago. Com o sol e com os pássaros, com a manhã, com o novo dia. Olhava então pela janela o pequeno jardim que Elza fizera, as roseiras que ela plantara. Não sei se a casa estará lá ainda, pintada de azul como era à época.

Não poderia re-pensar a Pedagogia do oprimido, sem pensar, se lembrar alguns dos lugares onde a escrevi, mas sobretudo, um deles, a casa onde vivi tempo feliz, e de onde parti do Chile, carregando saudades, sofrido por partir, mas esperançoso de poder responder aos desafios que esperavam por mim (ibidem, p. 61-62).

Portanto, se de fato como nos ensinou em conversa com Myles Horton (2003), "o caminho se faz caminhando", Paulo Freire trilhou os desafios em outras frentes, em outros solos, em outras culturas, até o 02 de maio de 1997, dia em que seu corpo morreu, morreu quando escrevia um texto de perplexidade e de indignação sobre um ato de extrema violência praticado por jovens do Brasil, País que tanto amou. Um País que tem tanto ainda a aprender com sua obra, com a sua existência.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 5 ed. Tradução de Adriana Lopez, revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. Organizado por Brenda Bell, John Gaventa e John Peters; tradução de Vera Lúcia Mello Josceline; notas de Ana Maria Araújo Freire. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

SEVERINO, Antonio J.. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986.

NOTAS

1 Professor Assistente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Cascavel-PR/Brasil. Pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisa em História Sociedade e Educação no Brasil-HISTEDBR – Região Oeste do Paraná. E-mail: marcoab_carvalho@yahoo.com.br.

2 Sobre estas experiências vividas nas cadeias por onde passou, ver: *Essa Escola Chamada Vida*: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho, obra escrita por Paulo Freire e Frei Betto e publicada pela Editora Ática: São Paulo, em 1991.

Recebido em: 03/03/2009.

Aprovado para publicação em: 11/05/2009.